

# Econ-Brasil Donos da Ciranda \* 4 MAI 1988

Pouco a pouco a sociedade brasileira está descobrindo a verdadeira face dos autores da ciranda financeira nacional, que na euforia do Cruzado conseguiram se esconder culpando os bancos, o sistema do crédito imobiliário, o *open e quem quer que lidasse com dinheiro.*

Agora é o próprio governo, através do Banco Central, que confessa não saber como evitar a fuga dos depósitos das Cadernetas de Poupança para os cofres públicos. O dinheiro aterrissa — e continuará aterrissando — nos cofres do Governo por um motivo muito simples: ele está financiando o déficit público, que de outra forma teria de ser atendido por corte nas despesas, aumento da arrecadação de impostos (que o Imposto de Renda está fazendo agora com medidas escorchantes dos contribuintes) ou lançamentos de títulos do Tesouro.

As cadernetas representam uma forma confortável de financiar a dívida, porque são depósitos a prazos mais longos que o *overnight*. Só as pessoas inocentes podem acreditar que as autoridades monetárias não desejam esses repasses, lamentando a falta de recursos para a construção de moradias. Quem tiver um mínimo de bom senso e conhecimento da realidade das contas nacionais saberá que não se constroem mais casas porque o Governo não pode abrir mão do financiamento de seu déficit via Cadernetas. A devolução desse dinheiro ao ambiente para o qual as pessoas o destinaram — a construção de casas — iria explodir a base monetária, isto é, obrigar a emissões ainda mais descontroladas de papel-moeda.

O que está acontecendo com o fluxo da poupança nacional é grave por todos os títulos, pois a poupança deixou de financiar a produção, a atividade produtiva, para financiar o crescimento do Go-

verno e de seu rosário de empresas mal administradas, com folhas de pagamento inchadas, além de autarquias inúteis.

Parte desse retrato se completa com a fuga do capital estrangeiro, no exato momento em que a Constituinte realiza exercícios de xenofobia. O que se constata é que desde 1983 o Brasil não está recebendo capital novo para investimento de longo prazo. As taxas aceleradas de crescimento deixaram de ocorrer no Brasil.

Não há como corrigir esse cenário se o sistema financeiro nacional continuar a ser usado como mero canal de transferência da poupança para os cofres públicos. Da forma como está montada, a economia brasileira enveredou por um caminho perverso, com o Governo aumentando cada vez mais seu endividamento e o dinheiro escasseando nas pontas onde é mais do que necessário para o investimento de longo prazo e a geração de empregos.

O melhor retrato do que o dinheiro das Cadernetas de Poupança, estagnado nos cofres do Banco Central, deixa de fazer, é a favelização de cidades como o Rio de Janeiro, ou a periferia de São Paulo onde começam a proliferar os cortiços. Os bancos privados não podem reorientar sozinhos esse fluxo financeiro porque as soluções ultrapassam sua área e suas esferas de influência. Quando mais de duas terças partes da poupança se encontram sob o controle direto do Governo, aumentar ou reduzir as taxas de juros passa a ser decisão que vai além de livres jogos de mercado. Existe um fantasma operando nos bastidores que se chama simplesmente déficit público. Ou se corrige essa doença, ou o triste fim da poupança será tapar buracos sem nenhum retorno produtivo.